

HISTÓRIA URBANA E REGIONAL

A METRÓPOLE DO CAFÉ: URBANIZAÇÃO TUMULTUÁRIA E COSMOPOLITISMO SÓCIO CULTURAL, 1890-1920

*Paulo Koguruma**

Resumo

Este artigo estuda alguns aspectos relativos ao processo de urbanização de São Paulo entre os anos de 1890 e 1920. Em especial, as tensões da configuração de um ambiente cosmopolita na cidade que procurava reproduzir os valores e padrões da modernidade e civilização vigentes nas nações européias. É uma reflexão sobre as múltiplas temporalidades e ritmos sociais envolvidos nas tentativas de construção de uma identidade nacional desejada para o país pelas elites brasileiras da época e suas relações com as transformações de São Paulo. Os anseios de modernidade das elites cafeeiras paulistas estiveram pulsando no cerne desse processo de urbanização.

Palavras chave: São Paulo; cosmopolitização; temporalidades; modernidade.

A pesquisadora Raquel Rolnik, ao retratar as mudanças que ocorreram em São Paulo nas primeiras décadas do século XX, apresenta a seguinte interpretação:

Cidade de fronteiras abertas. Assim se configurou São Paulo no início deste século: palco que se preparava para ser território sob domínio do capital. Em menos de 30 anos São Paulo passa de cidade/entreposto de pouca importância no país escravocrata para

* Doutorando e Mestre em História Social pelo Programa de Pós Graduação do Depto. de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

cidade-vanguarda da produção no País. Esta passagem se produziu em um momento de transformações profundas na ordem social: passagem de um Estado Império escravocrata para República do trabalho assalariado. Esta transição, redefinição do social, foi uma transformação multidimensional: mudaram enredos, palcos e personagens. (Rolnik, 1988, p. 75-76)

Tratava-se de um momento crucial de transformações na cidade de São Paulo, em que se podia notar a intensificação bem como as tensões do seu processo de urbanização. As transformações espaciais, econômicas, demográficas, sociais, políticas e culturais que ocorriam na Capital paulista estavam nitidamente relacionadas à expansão e à aceleração do ritmo do sistema capitalista em escala mundial. A sociedade paulistana era perpassada pelo desenvolvimento da economia cafeeira, pela instalação das ferrovias, pela abolição da escravidão, pela criação de um mercado de mão-de-obra via imigração de europeus, bem como por uma incipiente industrialização. Integrada ao complexo da economia agrário-exportadora, São Paulo crescia e experimentava modificações que tendiam a transformar sua feição de provinciana vila colonial no arremedo especular de uma frenética e cosmopolita metrópole, cujos modelos de urbanização procuravam refletir os valores da modernidade e civilização que predominavam nas sociedades burguesas d'além mar.

Como bem observa o historiador Nicolau Sevcenko, São Paulo incluía-se em um foco de mudanças vigorosas que atingiram várias cidades ao redor do globo terrestre:

Um foco de vigorosas mudanças e uma atividade econômica febril, centrados numa cidade e irradiados para todo o seu hinterland; num único movimento convulsivo e irresistível, podia ser entrevisto com pequenas diferenças temporais e variações regionais, por exemplo, em Paris ou Buenos Aires, Nápoles, Belo Horizonte, São Paulo ou Belém. A fonte desse processo de germinação simultânea de energias deve encontrar-se alhures, num núcleo de força que transmita eqüitativa e crescentemente os seus impulsos por toda parte. (...) (Sevcenko, 1989, p. 42).

Contudo, mais do que simplesmente espelhar os padrões de urbanização das cidades européias, ao tornar-se eixo comercial e

administrativo da economia cafeeira, “centro de transporte, entreposto humano e de mercadorias, centro bancário e de negócios”, a cidade de São Paulo configurava-se como uma localidade para onde convergiram tanto as imensas levas de imigrantes europeus trazidos pela política imigrantista dos fazendeiros do Oeste paulista e do Estado brasileiro quanto inúmeros migrantes oriundos das fazendas do interior do Estado de São Paulo e de outras regiões do país, que fugiam das precárias condições de trabalho existentes no meio rural. As circunstâncias geradas pelo surto de crescimento da economia agrário-exportadora paulista provocaram uma aceleração sem precedentes do crescimento demográfico da cidade de São Paulo, de modo que geraram o aumento da pobreza em solo paulistano tumultuando o ambiente citadino. (Pinto, 1994, p. 68-107).

Com efeito, o aumento maciço da população em um curto espaço de tempo dava-se sem que a infra-estrutura citadina em expansão pudesse atender as necessidades dos enormes contingentes forasteiros. Assim, as condições infra-estruturais da cidade de São Paulo tornavam-se cada vez mais exíguas para suportar o adensamento populacional em curso. Em meio ao surto de crescimento da economia cafeeira, a pobreza e a miséria aumentavam entre seus habitantes multiplicando as tensões sociais no ambiente citadino. A urbe paulistana vivia um processo de urbanização tumultuário, cujas peculiaridades podiam ser apreciadas no tenso movimento da população pelas suas ruas e esquinas. Ela transformara-se em uma localidade de convergência daqueles que almejavam conseguir alguma migalha da fantasmagórica riqueza produzida pela economia cafeeira, enfim, numa cidade movimentada, onde se podia observar o conviver tenso e conflituoso das mais diversas etnias. (Pinto, 1996)

Apesar das impressões dos contemporâneos estarem voltadas para um panorama citadino que estava se cosmopolitizando em conformidade com os padrões de urbanização e sociabilidade emanados da Europa a verdade é que com a possível exceção dos espaços reformados do antigo núcleo central de São Paulo e dos novos arruamentos abertos em bairros tais como Higienópolis ou Campos Elíseos, a aparência do conjunto da cidade mais se assemelhava ao aspecto de um improvisado e tumultuado acampamento de garimpeiros,

uma vez que para além desse ambiente aburguesado, caracterizado pela presença dos ricos palacetes, praças arborizadas, confeitarias luxuosas, hotéis confortáveis, bonitos *boulevards* e imponentes edifícios das repartições públicas, onde as elites paulistanas imitavam os padrões de sociabilidade forjados em terras estrangeiras (Koguruma, 1998, p. 111-125), aquilo que de fato a caracterizava era a movimentação de milhares de pessoas que nas suas ruas e esquinas procuravam garantir sua sobrevivência diária. Como assinala Nicolau Sevcenko, o aspecto que mais se destacava na fisionomia da cidade de São Paulo era a movimentação de milhares de homens, mulheres e crianças, que enfrentavam as contrariedades de uma cidade mal preparada para recebê-los (Sevcenko, 1992, p. 109).

A visibilidade da população a transitar pelas ruas e esquinas paulistanas aumentara com a chegada de milhares de imigrantes estrangeiros e dos migrantes nacionais. Ao sabor das circunstâncias que marcavam o buliçoso viver cotidiano na cidade, esses novos personagens de São Paulo buscavam improvisar as “estratégias” e as “táticas” de sua sobrevivência no espaço urbano, da mesma maneira que aqueles contingentes populacionais subalternos que já se encontravam fixados na cidade desde o período escravocrata. Apesar dos relatos sobre a cidade estarem majoritariamente comprometidos com uma certa imagem da modernidade, em que se destacavam os vigorosos fluxos da expansão do modo de vida burguês, podemos vislumbrar, graças a algumas referências a elementos que se afastam das imagens do pequeno “burgo de estudantes” e da aura européia que se atribuía à “metrópole do café”, a configuração de outras paisagens a se esboçar no ambiente da urbe. As vezes, esses relatos nos deixam entrever as diversas clivagens de um ambiente citadino perpassado por múltiplas cadências.

Como assinala Sevcenko, ao interpretar as sucessivas mudanças do ambiente da Avenida Paulista numa madrugada do Carnaval de 1919, descritas por numa crônica do jornal *O Estado de São Paulo*, cujas palavras narravam um festivo corso capitaneado pelos mais abastados, a labuta de crianças e mulheres miseráveis ensacar as serpentinas servidas nesse corso a fim de garantir sua sobrevivência, bem como a concorrida disputa que se seguiu entre esses últimos atores sociais e os agentes da Limpeza Pública, que iniciavam o seu trabalho de recolha do lixo da

festança dos abastados, o ambiente da cidade comportava um cosmopolitismo tenso e conflituoso, em cujo configurar podemos perceber a conjunção de elementos díspares (Sevcenko, 1992, p. 26-27). Essa conjunção de elementos divergentes permite que vislumbremos as múltiplas simultaneidades de diferentes ritmos sociais e temporalidades que se faziam presentes em solo paulistano.

Assim, em algumas das descrições de São Paulo podemos perceber os estranhamentos e as familiaridades que se forjavam em meio às ambigüidades, tensões, contradições e conflitos de um cosmopolitismo peculiar, que se configurava no tumultuário processo de urbanização da cidade. Conforme relata o cronista Paulo Cursino de Moura, em seu livro *São Paulo de outrora (evocações da metrópole)*, no ano de 1904, com a demolição da igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e com a transferência da sede de sua Irmandade para o Largo do Paissandu fora concluída a reforma modernizante antigo do Largo do Rosário levada a cabo pela Prefeitura do Município (Moura, 1980, p. 78).

A nova fisionomia europeizada e o nome dado àquele antigo logradouro público como que consagravam o ânimo e a devoção da edilidade paulistana em sincronizar a cidade de São Paulo aos fluxos emanados pelo progresso da civilização moderna. O largo metamorfoseado em praça se transformara em símbolo do esforço do Prefeito Antônio da Silva Prado em reformar a cidade de São Paulo em moldes europeus. (Moura, 1980, p. 77-78, 80). Contudo, além de possibilitar que percebamos a crescente europeização do ambiente paulistano, essa demolição e a transferência de local da igreja de Nossa Senhora do Rosário e de sua Irmandade também permitem apreendamos algumas outras tensões que permearam o tumultuário processo de urbanização da cidade. Nesse episódio da demolição da igreja de Nossa Senhora do Rosário encerrava-se uma série de demandas, iniciadas a partir da década de 1870, que diziam respeito às tentativas de renovação do espaço urbano por parte do Poder Público, aos interesses comerciais e financeiros gerados pelas reformas relacionadas a essas tentativas, como por exemplo, a especulação imobiliária, bem como aos impulsos de normalização e de disciplinarização das sociabilidades presentes no solo citadino (Mattos, 1994, p. 90-93).

Tratava-se de questões relativas à utilização dos prédios e terrenos pertencentes a Irmandade do Rosário dos Homens Pretos, instituição que durante o período escravocrata tivera importante papel na luta pela liberdade dos escravos ao centralizar os recursos pecuniários para compra das cartas de alforria (Moraes, 1989, p. 32) e ao propiciar um espaço sócio-espacial para reelaboração/reprodução de traços culturais de origem africana (Dias, 1995, p. 160-161), (Bastide, 1989, p. 79), (Trindade, 1991, p. 52-62). Assim, nas sucessivas demandas que envolveram esse antigo logradouro paulistano, podemos perceber o desdobramento de algumas tensões sociais e resistências culturais que se encontravam presentes nas reformas da cidade que então se cosmopolitizava.

Segundo o historiador Ernani da Silva Bruno, no ano de 1893, quando a Cia. Cantareira “mandou demolir, além dos chafarizes que entregara ao público onze anos antes, aqueles que havia no largo do Carmo e no do Rosário” os moradores desse último logradouro e “outros populares se opuseram com violência, resistindo até que a força policial entrasse em ação” (Bruno, 1991, p. 1124). Embora esse historiador não descreva as características étnicas desses moradores ou mesmo dos outros populares que se revoltaram com aquela demolição ordenada pela Cia. Cantareira, devemos considerar que pelo menos até a data da Abolição o chafariz do Largo do Rosário era um dos pontos mais visíveis da concentração escravos e forros nas ruas da cidade de São Paulo e que, certamente, naquele ano de 1893 muitos dos aspectos da configuração de sua paisagem ainda poderiam estar relacionados ao modo de vida constituído por aqueles homens e mulheres que haviam experimentado os rigores do regime escravocrata e sobrevivido sob as suas condições desfavoráveis improvisando sociabilidades que lhes permitiam enfrentar o duro dia-a-dia de labuta na cidade oitocentista.

O cronista e historiador de Affonso A. de Freitas, ao tratar das festas e manifestações populares vigentes na cidade oitocentista, refere-se às danças que podiam ser vistas nas certas ruas e logradouros da cidade – entre os quais estava o Largo do Rosário –, que classificou como sendo as congadas, batuques, sambas e moçambiques realizados pelos “pretos crioulos da Capital” (Freitas, 1985, p. 150). Segundo a historiadora Maria Cristina Cortez Wissenbach, durante o século passado os chafarizes da cidade foram locais de aglomeração e encontro de

escravos e forros que faziam notar a existência de uma sociabilidade diferenciada das hierarquias postas pelas condições formais das relações escravistas que pairavam sobre sociedade paulistana, em ruidosas manifestações nas ruas e esquinas da cidade de São Paulo (Wissenbach, 1989, p. 111-112, 114). No episódio da demolição do chafariz do Largo do Rosário, podemos inferir que a reação dos moradores e outros populares envolviam as formas de sociabilidade que cercavam aquele antigo logradouro, onde ainda deveriam existir visíveis marcas da concentração de pessoas negras e suas práticas sócio-culturais.

Provavelmente, essas práticas apresentavam as especificidades de formas de uma sociabilização continuamente improvisada ao sabor das vicissitudes e circunstâncias que cercavam às atividades diárias de subsistência e do comércio de vinténs da cidade oitocentista (Dias, 1995, p. 155-169). Naqueles anos finais do século passado, o Largo do Rosário provavelmente deveria exibir as marcas de uma sociabilidade que fora continuamente criada e recriada nas ruas e esquinas de São Paulo durante o período escravocrata e que continuariam a perpassar o modo de vida dos homens e mulheres negros e mestiços após a fim do regime de trabalho escravo.

Com a demolição da igrejinha de aparência colonial a sede da Irmandade do Rosário seria transferida para uma área ainda próxima a esse velho núcleo da cidade, o Largo do Paissandu, onde se ergueu-se uma nova igreja de projeto arquitetônico neo-românico, cuja fachada certamente não corromperia o aspecto cosmopolita que se queria dar à paisagem paulistana. Entretanto, eliminava-se do coração da cidade mais um recanto que lembrava a feição provinciana da cidade colonial, pois o agressivo tom do cosmopolitismo desejado para a São Paulo "*procurava apagar justamente os traços da vida ruralizada que representavam o atraso e provincianismo secular da cidade*" (Moraes, 1989, p. 24) Esmaecia-se ainda mais a visibilidade do comércio de vinténs que cercava a antiga igreja até pouco antes da sua demolição, cujas atividades aparecem fixadas em algumas fotos do período, entremeadas às fachadas das casas financeiras, das relojoarias, das confeitarias e dos cafés que foram se instalando no velho Triângulo (Santos, 1995, p. 153-157).

Com efeito, as sucessivas mudanças sócio-espaciais do Largo do Rosário e configuração de sua fisionomia moderna apontam para as

tentativas de normalização e disciplinarização da vida cotidiana da população de São Paulo, sobretudo, daquelas formas de sociabilidade relacionadas aos indivíduos mais pobres, principalmente, daquelas cultivadas pelas pessoas pertencentes à raça negra. Elas assinalam um “apagamento” da presença de traços sócio-culturais coloniais e africanizados do solo citadino, quer fosse ela ocasionada pela imensa maré de imigrantes brancos que chegavam à São Paulo ou pelas sucessivas posturas municipais que, desde meados do século XIX incidiam sobre as práticas sócio-culturais da população paulistana. Aliás, aspectos complementares do mesmo processo de urbanização tumultuário e desordenado da cidade.

No tumultuário processo de urbanização de São Paulo travou-se uma luta generalizada e sem tréguas contra as “trevas” e o “atraso” que campeavam pelas ruas e esquinas da cidade. Os ideais da modernidade e do progresso transpareciam no cotidiano da população citadina, na disciplinarização dos trabalhadores que atravessavam a cidade em busca de trabalho, nas reformas dos espaços urbanos e nas tentativas de exclusão dos negros e sua cultura (Koguruma, 1997: 29-39), como por exemplo, na expulsão, desde os finais do século XIX, das mulheres pobres – brancas, negras e mestiças – de seus espaços improvisados de trabalho e sobrevivência no centro de São Paulo para os bairros de retaguarda da cidade, em função do processo de emburguesamento da área urbana (Dias, 1995: 16-17) ou, ainda, na proibição, no início deste século, da festa de Santa Cruz do Pocinho, local onde se reunia uma ruidosa e variada multidão onde, além do caráter religioso da festa, podia-se presenciar jogos, brincadeiras e bebedeiras (Sant’Anna, 1937-1944: 237-238).

Assim, antes mesmo da estarem concluídas as reformas do Largo do Rosário, finalizada com a demolição da igreja da Irmandade do Rosário dos Homens Pretos, este já aparentava estar imerso no ritmo cosmopolita que incidia sobre o viver cotidiano da população paulistana. O memorialista Jorge Americano, ao registrar suas lembranças sobre a aparência daquele local por volta do ano de 1901, pouco antes da demolição da “*igrejinha antiqüíssima, feia, desgraciosa, encravada em prédios particulares*” – no dizer de Paulo Cursino de Moura –, descreve-nos um logradouro aburguesado, majoritariamente marcado pelo predomínio dos movimentos e fluxos da modernidade:

LARGO DO ROSÁRIO

No lugar onde está hoje o City Bank ficava a igreja do Rosário, dando frente para Rua do Rosário (João Bricola).

A igreja abria três portas para o largo (Praça Antônio Prado). Uma alugada a engraxates. Outra a uma casa de bombons, A terceira fora ocupada recentemente pela Light & Power. Vendiam-se passes e descansavam motoneiros e cobradores à espera de entrar em serviço.

Vinham ter ao Largo as senhoras e moças, ao voltar para casa depois das compras no 'triângulo'.

Os vestidos apertados, as saias longas, 'entravées', cortadas ao lado, à altura do tornozelo.

Esta circunstância fazia com que se agrupassem naquele posto duas categorias de homens; os de idade avançada e os meninos que se acreditavam homens. Encostavam-se à parede, em frente à parada dos bondes, para assistirem ao embarque das moças de saia 'entravée'. Ao levantar a perna, a saia subia até o meio da canela da segunda perna.

Houve quem descobrisse melhor espetáculo. O observador colocava-se ao lado oposto, no meio da praça, onde havia uma 'ilha', que se chamava 'dos prontos'.

Quando embarcava a senhora ou moça de saia 'entravée', o observador defronte via levantar-se a primeira perna e o vestido e enxergava tudo até o joelho, e às vezes, umas rendas de 'baptiste', acima do joelho. (Americano, 1957, p. 152-153).

Entretanto, apesar da existência dessa atmosfera aburguesada exalada pelas reformas europeizantes do Largo do Rosário, podemos assinalar que no tumultuário processo de urbanização da cidade sempre haveria quem se recordasse da aparência colonial daquele logradouro e de sua associação com práticas sócio-culturais cultivadas por indivíduos pertencentes aos setores subalternos da sociedade paulistana, em especial, aqueles elementos culturais mais africanizados. Essa antiga "mácula" a Praça Antonio Prado sempre carregaria, uma vez que, mesmo tendo-se passado muitos anos após o derrubamento da velha igrejinha de aparência colonial, o cronista Paulo Cursino de Moura, ao evocar as reminiscências e tradições que cercavam o Largo do Rosário no início da década de

1930, pode ainda referir-se – não sem uma certa familiaridade – às antigas histórias de lendas e bruxarias que cercavam aquele logradouro.

Nas décadas iniciais do século XX, ainda estavam vivos na memória de muitos paulistanos os rituais ali praticados pelos antigos escravos e forros da cidade oitocentista (Moura, 1980, p. 80-82), até porque alguns dos objetos utilizados nessas cerimônias religiosas e festas da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos ainda podiam ser vistos nas feiras e mercados da *metrópole do café*. Conforme procuramos demonstrar em alhures, nos meandros da constituição de uma hierarquia do saber que permeava a configuração do universo das práticas mágico-religiosas existentes na cidade de São Paulo no final do século passado e início do XX, podemos notar os encontros e desencontros das práticas e crenças que chegavam na bagagem dos imigrantes europeus que aportavam em terras paulistas com aquelas práticas e crenças pertencentes às religiosidades já existentes numa São Paulo que mantinha aspectos sócio-culturais acaipirados. Na configuração dessas religiosidades tomavam parte as “sínteses” construídas desde o período colonial pelo tenso sincretismo forjado entre as tradições lusitanas, indígenas e africanas. (Koguruma, 1998, p. 167-221). Naquele momento, os encontros e desencontros dessas práticas e crenças formaram o caldo cultural do qual emergiu a Macumba e a Umbanda na cidade de São Paulo.

Ademais, essas crenças e práticas foram combatidas pelas elites dominantes paulistanas. À semelhança do que acontecia na cidade do Rio de Janeiro, as elites dominantes paulistanas procuravam transformar o solo da urbe em um símbolo da modernidade, em mais um pólo da “regeneração” da jovem República brasileira (Sevcenko, 1989, p. 31-33). Houve nos processos de urbanização dessas duas cidades brasileiras uma condição similar: esses processos foram perpassados pelo enorme desejo professado pelas elites dominantes do país no sentido de uma redenção da nação face aos “arcaísmos” que a entrecortavam e que expressavam a “inferioridade” da nação brasileira diante do vigor das sociedades européias ocidentais.

Nicolau Sevcenko, ao referir-se às reformas que ocorreram na fisionomia do Rio de Janeiro durante a Primeira República, ressalta as tendências do imaginário da modernidade que impregnava a mentalidade

das elites dominantes, já que os dirigentes da jovem República brasileira incorporaram às transformações urbanas pelas quais passava a Capital Federal, um espírito que procurava garantir a “consagração do progresso como objetivo coletivo fundamental” (Sevcenko, 1989, p. 30). Conforme assinala esse historiador, aquilo que se podia notar

na atuação dos primeiros presidentes civis e paulistas, bem como de todo seu círculo político-administrativo, era o evidente esforço de forjar um Estado-Nação moderno no Brasil, eficaz em todas as suas múltiplas atribuições diante das novas vicissitudes históricas, como seus modelos europeus (Sevcenko, 1989, p. 47).

Esses anseios de modernidade, de civilização e de progresso também perpassaram o tumultuário processo de urbanização da cidade de São Paulo. O memorialista Jorge Americano, ao descrever as apresentações da banda da Força Pública na época, em concertos que eram realizados nos jardins do Palácio e da Luz, delinea uma descrição na qual é possível captar a discriminatória atmosfera de elegância e refinamento burgueses que faziam parte da configuração da Paulicéia nascente. Nesses aprazíveis logradouros públicos, locais de deleite e refinamento da “população” paulistana, “*os vadios eram escorraçados*” para que hierarquicamente se acomodassem as famílias dos operários, dos funcionários públicos e, por fim, as das classes abastadas. Com a chegada dos indivíduos ricos, as pessoas mais humildes “desocupavam” os melhores espaços, cedendo-os, “espontaneamente”, em sinal de respeito, aos endinheirados, até que finalmente a orquestra da Banda da Força Pública iniciava seu concerto musical tocando as músicas daqueles compositores cujas qualidades eram reconhecidas pela identificação de suas sonoridades com o mundo europeizado. Procurava-se instituir na urbe paulistana os valores culturais e as hierarquias da sociabilidade burguesa:

A banda da Fôrça Publica tinha sido melhorada recentemente. Dava dois concertos por semana, às quinta-feiras no jardim do Palácio, e aos domingos no coreto do Jardim da Luz.

O Pátio do Colégio constituía o Jardim do Palácio, cercado de grades, com dois portões abertos. No lugar de onde parte o viaduto Boa Vista, ficava o coreto, em forma de concha acústica voltada

para o jardim. Na curva que desce para a Ladeira General Carneiro (então chamada João Alfredo), estava a fonte, onde uma estátua de mulher, feita de cimento, despejava o cântaro, sobre o laguinho de cimento.

Terminado o jantar, às cinco, as famílias dos bairros vinham vindo. Sentavam nos bancos do jardim. Os vadios eram escorraçados, e ficavam para o lado de fora das grades.

(...)

Uma vez por semana a banda da Fôrça Pública tocava no coreto do Jardim da Luz, das seis às oito da noite, tal como em outro dia da semana tocava no Jardim do Palácio do Governo (...)

Ao cair da tarde vinha chegando os apreciadores de música, de todas as classes sociais. Todos os homens, mesmo operários, usavam colarinho, gravata e chapéu, todas as mulheres usavam chapéu.

À proporção que chegavam os ‘funcionários’, os operários, embora de colarinho, cediam-lhes os bancos, e ficavam passeando em redor do repuxo e do lago, onde os cisnes não podiam dormir por causa da luz e da música.

Os ‘abastados’ chegavam mais tarde, às seis e vinte, encontravam vazias as mesas ao ar livre, do bar, onde sentavam.

Os operários não compravam nada.

Os funcionários compravam por um tostão um cartucho de pipocas, amendoins e balas dos vendedores ambulantes.

Os ‘abastados’ pediam ‘gasosas’ (um tostão), chopes (200 réis), ‘sandwiches’ (200 réis) e sorvetes (300 réis), sentados às mesas a que atendiam os garçons do bar.

Mas havia outros sorvetes, os de carrocinha, apregoados por um tostão, para os operários e funcionários, e lambidos pelas crianças deles.

Enquanto isso, o maestro Antão ia regendo a orquestra: Carlos Gomes, Wagner, Waldteufel, Verdi, Gottschalk. (...) (Americano, 1957, p. 215-221)

Entretanto, se “São Paulo já espelhava o mundo” (Americano, 1957, p. 496) ela também se mostrava marcada um cosmopolitismo que expressava as especificidades do seu tumultuário processo de urbanização, bem como as de sua história. Embora as memórias de Americano estejam marcadas pela mesma sensação de se viver em uma

cidade europeizada que caracteriza as descrições de outros escritores que versaram sobre São Paulo, algumas de suas recordações também retratam uma cidade que expressava outros matizes. Em alguns trechos de suas memórias, esse escritor dispõe elementos que permitem vislumbrar uma cidade de São Paulo em transformação, cujo ambiente também era marcado por outras paisagens e cenários, ou melhor, por outros ritmos sociais e temporalidades.

Tratava-se de um mundo diferente e, no entanto, bastante próximo daquele que abarcava as experiências vividas pelas pessoas das classes mais abastadas da cidade. Ao recordar-se do período de sua infância, por volta do ano 1901, quando sua família morava na Rua dos Andradas n. 18, esse memorialista refere-se as diversas sonoridades que caracterizavam a cidade de São Paulo. Na barafunda de sons que descreve, podemos discernir a mescla dos diversos ritmos sociais e das diferentes temporalidades que configuravam uma paisagem contraditória, marcada pelas indefinições da Paulicéia nascente. Esses ritmos sociais e temporalidade revelam-nos o cosmopolitismo provinciano da cidade:

(...) passei a noite agitado e pus-me a interpretar os ruídos. Escutam-se grilos e sapos. Devem ser daquele terreno que está para vender. Bateu o relógio da sala de jantar e soaram quase ao mesmo tempo os da Estação da Luz, do Coração de Jesus e de São Bento. Também de dia eu já os escutara.

Há chiados de vassouras sobre a calçada, entremeados de conversa dos varredores sobre a prisão de um gatuno na noite anterior.

Agora os passos de um retardatário apressado, que não se confundem com os do guarda-noturno, apitando de quarto em quarto de hora, em correspondência com o trilar dos apitos dos outros guardas de todas as esquinas.

O tique-taque do relógio da sala.

Os ruídos das patas dos cavalos da patrulha montada (o tenente e o ordenança) são diversos dos cavalos do caminhão de lixo, acompanhados pelo barulho das rodas com aros de ferro e das latas atiradas à calçada depois de vazias. Diferem dos do cavalo velho do fiscal do lixo. Também dos burros da carroça de irrigação. Escutei o bonde da Companhia Viação Paulista passando na Rua Vitória, misturando o ruído das rodas sobre os trilhos, o barulho das patas dos animais e o das campainhas que trazem no pescoço.

Dois gatos (ou milhares de gatos) fazem uma gritaria infernal, que começou como um vagido de criança. Despertado pelos gatos, um cachorro late desesperadamente. (...)

O tique-taque do relógio da sala. (...).

Eu escuto bem o apito da locomotiva da Sorocabana, mais agudo do que o da Inglesa. (...)

O galo da nossa casa fez uma pergunta estridente, batendo as asas, e todos os outros responderam. Até o peru do vizinho, que, se não for furtado esta noite, terá que ser morto amanhã, véspera de Natal. E o peru recomeça, ao ranger do novo bonde elétrico da Barra Funda, que faz a curva da Rua Santa Efigênia com a Rua Duque de Caxias, batendo a campainha.

O tique-taque do relógio da sala. (...)

Minha mãe trouxe uma xícara de leite quente e recomendou-me que dormisse. Mas a luz cinzenta já atravessa as frestas, (...) Escuto piados quase mudos que se vão convertendo em cantos de pássaros nas árvores e nas gaiolas dos vizinhos.

O cincerro da vaca do leiteiro.

As campainhas das cinco cabras de ubres enormes, que berram puxando cada uma para seu lado.

Os apitos das fábricas. 'Aquele mais fino deve ser da chaminé fininha, do lado do Bom Retiro. Aquêlê ronco deve ser da chaminé grossa, do lado do Brás'.

Silenciaram os apitos, mas começou outro ruído. Ontem, quase à noite, foi descarregado à porta de nossa casa um carro de lenha bruta, vinda de Santo Amaro. Batem palmas insistentes, de alguém que ignora que desde a semana passada instalamos campainha elétrica. É o lenhador que vai começar a rachar a lenha.

Principia outro ruído. Há dois meses, eram carroções descarregando material. Hoje é o martelamento do madeirame. Daqui a dois meses será a cantoria dos pintores. Antes que acabe esta, haverá a construção da frente. Depois virá uma demolição e outra construção.

Escutei um piano.

Mas atrapalho tudo. Meu espírito está confuso. Escuto o grito da araponga, que não distingo mais da bigorna do ferrador de esquina. (...) O vaivém da serra manual da serraria do outro quarteirão e o canto da cigarra, o assobio do afiador de facas, uma porção de pregões na rua e o canto da lavadeira batendo roupa, tudo é a mesma coisa. (Americano, 1957, p. 45-48).

Esses sons e ruídos descritos pelo memorialista permitem vislumbrar uma cidade que apresentava um ambiente marcado simultaneamente por aspectos internacionalizados e por feições provincianas. Tratava-se da especificidade de um processo de urbanização tumultuário em que a São Paulo guardava características peculiares da cidade anteriormente existente e, ao mesmo tempo, que ganhava novos matizes. Se a estética das novas residências de luxo, das belas avenidas recém-abertas, dos elegantes jardins públicos, das linhas de bondes e das chaminés das novas fábricas era salpicada aqui e acolá pelas arruinadas fachadas das antigas casas de taipa, pelas tortuosidades incôntornáveis de certas paisagens e pelos espaços de grandes áreas rurais que abrigavam matagais, vales e florestas (Dias, 1994, p. 15-19), de maneira que deixava transparecer o antigo aspecto provinciano de uma cidade fora cercada de chácaras e pomares, a especificidade da movimentação social das esquinas e ruas da cidade assinalava, de modo bem mais marcante, a fisionomia cosmopolita peculiar que *metrópole do café* adquirira naquele período.

Assim, naquele momento em que a cidade de São Paulo vivia um processo de urbanização tumultuário, a presença dos múltiplos ritmos e temporalidades, bem como a existência de múltiplas sociabilidades no seu solo permitem que interpretemos a urbe como uma imensa e contraditória “floresta de símbolos”, cujo emaranhado elementos sócio-culturais possibilita-nos uma reflexão sobre os meandros da constituição de nossa sociedade e da configuração histórica de nossas cidadanias. Podemos interpretar a cidade como um imenso cipoal de clivagens, recortes, escalas, sistemas de conhecimentos e nuanças sócio-culturais, cujo entrelaçamento permite que compreendamos a diversidade dos encontros e desencontros presentes no “fazer-se” da sociedade brasileira. Podemos enxergá-la como um imenso cenário que está a explicitar as ambigüidades, tensões, conflitos, identidades, diferenças e múltiplas temporalidades existentes no mundo que herdamos, que construímos, que partilhamos com outras pessoas e onde vivemos as diversas experiências que constituem os fundamentos de nossa existência.

Abstract

This article analyses some features of São Paulo urban development process in the years between 1890 and 1920. So, the tensions of configuration of one cosmopolitan atmosphere in the city tried to reproduce the values and standards of modernity and of civilization valid in the European nations. It's one reflection about the multiplicity of times and the social rhythms involved in the trials of the construction of one national identity desired to country by Brazilian elite at this time and his relations with the transformations of São Paulo. The desires of modernity of coffee planters of State São Paulo was pulsing in the center of this urban development process.

Key-words: São Paulo; modernity; cosmopolitanism; XX century.

Fontes

- AMERICANO, Jorge, *São Paulo naquele tempo (1895-1915)*. São Paulo: Edições Saraiva, 1957.
- FREITAS, Affonso A. de. *Tradições e reminiscências paulistanas*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1985.
- MOURA, Paulo Cursino de, *São Paulo de outrora (evocações da metrópole)*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1980.

Referências Bibliográficas

- BASTIDE, Roger, *As religiões africanas no Brasil - Contribuição a uma sociologia das interpenetrações de civilizações*. 3. ed., São Paulo: Pioneira, 1989.
- BRUNO, Ernani da Silva. *História e tradições da cidade de São Paulo*. 4. ed., São Paulo: Hucitec, 1991.
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva, *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. 2. ed., São Paulo: Brasiliense, 1995.
- _____. *Prefácio*. In: PINTO, Maria Inez Machado Borges, *Cotidiano e sobrevivência: a vida do trabalhador pobre na cidade de São Paulo, 1890-1914*. São Paulo: EDUSP, 1994.
- KOGURUMA, Paulo. *Conflitos do imaginário: a reelaboração das práticas e crenças afro-brasileiras na Metrópole do Café, 1890-1920*. São Paulo, 1998. Dissertação (Mestrado em História). Depto. de História/FFLCH/USP.

- _____. Historicidade, temporalidade e experiência vivida na interpretação das reelaborações culturais. In: *Revista Temporaes* n. 7. Revista dos Alunos de Graduação do Depto. de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1997.
- MATTOS, Wilson Roberto de. *Práticas culturais/religiosas negras em São Paulo (do território destruído ao território reconquistado)*. São Paulo, 1994. Dissertação (Mestrado em História) - PUC/SP.
- PINTO, Maria Inez Machado Borges. *Cotidiano e sobrevivência: a vida do trabalhador pobre na cidade de São Paulo, 1890 a 1914*. São Paulo: EDUSP, 1994.
- _____. Urbanização tumultuária e plasticidade das culturas populares na cidade de São Paulo, 1890-1920. In: YOKOY, Z. & DAYRE, E. (Coords.) *América Latina Contemporânea*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura; São Paulo: EDUSP, 1996.
- ROLNIK, Raquel. São Paulo, início da industrialização: o espaço e a política. In: KOWARICK, Lúcio. org. *As lutas sociais e a cidade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988
- SANT'ANNA, Nuto. *São Paulo histórico (aspectos, lendas e costumes)*. São Paulo: Coleção do Depto. de Cultura de São Paulo, 1937-1944, vol. 3.
- SANTOS, Carlos José Ferreira dos, *A população pobre nacional na cidade de São Paulo - virada do século: 1890-1915*. São Paulo, 1995. Dissertação (Mestrado em História) PUC/SP.
- SEVCENKO, Nicolau, *Literatura como missão - tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 3. ed., São Paulo: Brasiliense, 1989.
- _____. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.
- TRINDADE, Liana Maria Salvia. *Construções míticas e história: estudos sobre as representações simbólicas e relações raciais em São Paulo do século XVIII à atualidade*. São Paulo, 1991. Tese de Livre-Docência, Depto. de Antropologia, FFLCH/USP.
- WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. *Sonhos africanos, vivências ladinas. Escravos e forros no Município de São Paulo 1850-1880*, São Paulo, 1989. Dissertação (Mestrado em História) - FFLCH/USP.